

*PROBLEMAS ATUAIS DA PESQUISA
EM EDUCAÇÃO NO BRASIL*

Angela M. Brasil Biaggio
Faculdade de Educação da UFRGS

RESUMO

Neste trabalho são discutidos diversos problemas com os quais a pesquisa em educação se defronta no Brasil: problemas relativos a rivalidades teóricas, alternativas metodológicas, e tipos de pesquisa; a natureza científica da educação a necessidade de trabalho interdisciplinar; problemas referentes à relação ensino-pesquisa, ao financiamento da educação, e à disseminação de resultados de pesquisa.

As considerações aqui expostas representam uma reflexão e partir da experiência pessoal de trabalho como docente-pesquisadora desde 1968 em programas de pós-graduação em Educação e em Psicologia, na PUC/RJ (1968-1969; 1974-1980), PUC/RS (1973), IESAE (1976) e mais recentemente na UFRGS (1980-), bem como da experiência como membro de comitê assessor do CNPq (1976-1977) e de consultoria junto à CAPES.

Inúmeros são os problemas com que se defronta a pesquisa em Educação no Brasil^a, e não sei se diferem muito dos problemas encontrados em outras áreas, especialmente nas outras ciências humanas. Passarei a discutir alguns dos problemas que considero importantes:

Trabalho apresentado em painel na reunião da ANPEd, Rio de Janeiro, 10 a 12 de março de 1982.

^a Por pesquisa em Educação, refiro-me aqui à produção intelectual nas universidades, incluindo tanto a produção científica dos docentes verificada através de publicações, quanto as teses de mestrado e doutorado. Incluem-se também aqui as pesquisas realizadas por Centros de Pesquisa sem atividade docente.

1 PROBLEMAS RELATIVOS AOS OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO

Parece-me que a pesquisa em Educação se ressentir de uma falta de consciência clara, por parte de muitos pesquisadores, do que eles têm como objetivo da Educação. A maioria dos profissionais da Educação, provavelmente, concordaria que o objetivo último da Educação é a *humanização*, mas há vários níveis de explicitação dos objetivos. Como explicitamos o objetivo — humanizar? Através da formação da consciência da liberdade? Através da formação de uma consciência solidária? Ou seria a transformação das estruturas sociais? Outros defendem que seja o desenvolvimento, no sentido de formar pessoal qualificado a fim de tornar o país científica e tecnologicamente independente.

As políticas educacionais ficam subordinadas a esses objetivos, que nem sempre são explicitados, e com os quais apenas os filósofos da Educação se preocupam. Além disso, como afirma Veit (1981), há objetivos explícitos e objetivos implícitos, há aquilo que se quer e aquilo que se pensa que se quer, o que torna a situação ainda mais complexa.

A falta de consenso sobre os objetivos da Educação e a falta de noção dos próprios objetivos talvez explique a dificuldade em se definirem linhas de pesquisa, ou até em se definir o que é linha de pesquisa.

Este é um problema que deixamos em aberto para debate.

2 PROBLEMAS DE EMBASAMENTO TEÓRICO E TIPOS DE PESQUISA

No afã de solucionar os problemas sociais prementes, tem predominado certo *imediatismo* nas pesquisas em Educação, se não nas pesquisas realizadas, certamente nas atitudes e preferências de pós-graduação. A ânsia pela pesquisa relevante, aplicada, tem de certa forma deixado pouco lugar para a teorização, para os testes de hipóteses, para a pesquisa básica. Queixamo-nos todos da importação de modelos estrangeiros, mas onde está o espaço para a criação de teorias se previliarmos quase com exclusividade a utilidade imediata, o ativismo?

Em seminário recente sobre “Metodologias Alternativas para Pesquisa-Ação com Crianças Desprivilegiadas”, patrocinado pela Internacional Society for the Study of Behavioral Development e pela Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, Spinks (1981) apresentou uma distinção utilíssima entre os vários níveis de pesquisa que se pode conceptualizar, desde a *Pesquisa Pura*, que visa gerar teorias, passando pela Pesquisa Aplicada, que, baseada em teorias, visa gerar conhecimentos, pela *Pesquisa Intervenção*, em que o pesquisador intervém na comunidade da forma que ele achar conveniente, pelo *desenvolvimento de comunidade*, que é um tipo de atividade em que há uma ação e um impacto desta ação, sendo que este impacto gera conhecimentos, sobre a realidade e sobre o método, até a *pesquisa-ação*, que, além de visar a geração de conhe-

cimentos, possui elementos da pesquisa intervenção, mas que se caracteriza pelo grau máximo de interação entre o pesquisador e sujeitos, sendo o próprio objetivo da pesquisa sugerido pela comunidade, e sendo a metodologia também discutida com a participação da comunidade de sujeitos da pesquisa.

Embora aparentemente envolvido com pesquisa-ação, Spinks salienta a necessidade da existência de todos os níveis de pesquisa e do respeito da comunidade científica pelos colegas que se engajam em outros níveis de pesquisa.

3 PROBLEMAS DE MÉTODO

Houve, no início da pós-graduação em Educação no Brasil (que está associado com o incremento de pesquisas), ênfase quase exclusiva nos métodos da pesquisa empírica, nos moldes das ciências naturais, fosse a pesquisa meramente descritiva, correlacional ou experimental. Nesta linha tivemos excelentes contribuições, dentre as quais mencionaria as teses de mestrado de Lillian M.S.H. Campos, Consuelo Pontes Bielinsky, Maria Rita Salomão, da PUC/RJ, e as duas primeiras teses de doutorado recentemente defendidas, na Faculdade de Educação da UFRGS, de Zaida G. Lewin e Lucila M. C. Santarosa, entre inúmeras outras. Me preocupo em estar faltando com a justiça não as mencionando aqui.

Mais recentemente, tem havido maior abertura para "Metodologias Alternativas", incluindo-se o método dialético, o fenomenológico e outros.

Mas estaremos caminhando para um ecleticismo, um pluralismo, ou estaremos caindo em conflitos estéreis entre facções que se confrontam?

Analisando-se o primeiro enfoque (pesquisa empírica), vemos que seus partidários podem defendê-lo, em princípio, mas que, na prática, se defrontam com inúmeras dificuldades, apesar da parcela de sucesso alcançada. O método científico, no senso estrito, utilizado nas pesquisas em Educação, exige sólidos conhecimentos, criatividade para a formulação de hipóteses, e conhecimentos na área quantitativa, para os quais os pós-graduandos não trazem geralmente preparo anterior adequado. Assim é que muitas pesquisas em Educação ficaram no nível mais primitivo de metodologia, a descritiva, embora quantitativa. Alguns estudos procuraram estudar relações entre variáveis através do método correlacional, mas raros foram os que utilizaram a experimentação, que, se bem conduzida, não se pode negar, leva a conclusões mais sólidas. As restrições metodológicas muitas vezes reduziram os pesquisadores ao estudo de temáticas pouco relevantes, porém "adaptáveis" à metodologia tradicional.

Por outro lado, a contribuição dos enfoques "alternativos" ainda está por aparecer, não estando ainda claro para a maioria dos pesquisadores, o "como", isto é, em que consistem estas alternativas à metodologia tradicional. Como se conduz uma pesquisa não tradicional?

Uma das afirmações mais francas que já ouvi foi a de Rosa Maria Fischer, socióloga da PUC/SP, que afirmou que sua geração foi formada com a crítica do

método científico, a crítica do tradicional, do ‘quadrado’, mas que não aprenderam com isso nem o tradicional nem uma alternativa para substituí-lo, e parece ser essa alternativa que ainda se busca atualmente em termos de método. Estamos ainda numa fase de desafio e, quem sabe, algum dia será possível chegar-se a uma convivência entre enfoques metodológicos que hoje são vistos como opostos.

4 RIVALIDADES TEÓRICAS

Parece-me ainda que a pesquisa vem sendo prejudicada por rivalidades teóricas que levam pesquisadores a se isolarem e não tomarem conhecimento de outros enfoques. Para dar um exemplo, dentro da área com que estou mais familiarizada, a Psicologia Educacional, o que conhecem alguns Piagetianos sobre Skinner, ou sobre Rogers? No entanto, criticam-se mutuamente, inculcando preconceitos nos pós-graduandos ou até nos alunos de ciclo básico de graduação.

5 A CIENTIFICIDADE DA EDUCAÇÃO

Há quem questione se a Educação é uma ciência ou se ela seria uma aplicação de conhecimentos científicos de áreas básicas, tais como a Sociologia, a Psicologia, a Filosofia, etc. Se Educação não é ciência, há sentido em falarmos sobre pesquisa em Educação?

Assim como no ítem anterior mencionamos o problema de rivalidades teóricas dentro de uma área específica, a Psicologia Educacional, poderíamos analisar as ênfases e rivalidades entre as áreas básicas que contribuem para a Educação, ou seja, a Sociologia, a Psicologia, etc. Já houve época em que a Psicologia reinava soberana entre as ciências de apoio à Educação, mas por ter incorrido em psicologismo, terminou por perder terreno. O enfoque nos problemas do indivíduo cede lugar a uma visão social.

No Brasil, uma ênfase exagerada na Psicologia Clínica, ainda mais contribuiu para um declínio de interesse na Psicologia da Educação, pois mesmo aqueles que faziam Psicologia Escolar ou da Educação focalizavam demasiadamente o aspecto do ajustamento emocional do indivíduo ou a motivação individual como fatores explicativos de problemas da aprendizagem, quando há inúmeros outros fenômenos, estudados pela Psicologia Social, pela Psicologia da Aprendizagem, pela Psicologia do Desenvolvimento e ainda outras áreas da Psicologia, que teriam muito mais a contribuir para a área da Educação. O que sabemos sobre mecanismos de aprendizagem? Sobre o mecanismo de alfabetização? No campo da Psicologia da Educação, infelizmente, parece que ainda predomina a realidade de que temos ‘uma ciência da aprendizagem mas uma arte do ensino’, pois a Psicologia da Educação ainda não chegou a fazer essa

ponte. Destacam-se entre nós as contribuições de Maria Helena Novaes Mira e Juracy C. Marques.

Estas considerações levam ao ítem seguinte:

6 NECESSIDADE DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR

Tem havido recentemente uma tendência à colaboração entre educadores, sociólogos, economistas, antropólogos e outros na solução de problemas tais como o atendimento à criança desprivilegiada, a delinqüência, etc. Esta colaboração é extremamente fértil, mas como salienta Horowitz (1981), é preciso que cada disciplina não perca sua *identidade*, pois o que está acontecendo com o psicólogo da educação, nestas situações, é que, acostumado à proteção de seu gabinete ou laboratório, atemoriza-se diante da complexidade da realidade quando se envolve num trabalho de campo de natureza interdisciplinar, deslumbra-se com os métodos utilizados em outras áreas, esquecendo-se da bagagem de contribuições que sua ciência já atingiu e que ele pode trazer para o grupo.

7 PROBLEMAS REFERENTES À RELAÇÃO ENSINO-PESQUISA

A relação *ensino-pesquisa* é outro problema que vejo como sério e que está ligado ao histórico da pós-graduação no Brasil, especialmente à sua recenticidade.

As universidades são por excelência os locais onde a pesquisa se desenvolve, porém, até a Reforma Universitária, na década de 1960, a universidade era um local onde se ministravam aulas, apenas, tendo os professores geralmente outras atividades fora da universidade. O grande impulso à pesquisa surgiu com a obrigatoriedade do grau de mestre para a carreira universitária. Tivemos assim um grande contingente de mestrands, que eram inegavelmente bem dotados e que traziam uma riquíssima experiência, mas que nem sempre tinham a pesquisa como principal vocação. A tese de mestrado passou a ser, muitas vezes, o coroamento de uma carreira, a peça máxima de pesquisa que aquela pessoa produziria. Isto, de certa forma, está começando a acontecer com o doutorado. Estes pós-graduados, muitas vezes, por sua experiência e status não se entrosavam nos programas de pesquisa dos orientadores, freqüentemente mais jovens, recém-doutorados no exterior. A liberdade acadêmica dos pós-graduandos pode ser uma faca de dois gumes, podendo a qualidade da pesquisa ser prejudicada, por serem os orientadores praticamente forçados a orientar teses fora de sua área de especialização, e com enfoques metodológicos contrários a seus próprios. Esta situação está se atenuando, com o contingente mais jovem que procura a pós-graduação, mas que traz muitas vezes o despreparo de um curso de graduação deficiente.

8 O PROBLEMA DO FINANCIAMENTO

Como salienta o economista Clovis Cavalcanti (1981), criticando a burocracia envolvida na obtenção de verbas de pesquisa, “Quando uma autoridade como o bioquímico húngaro-americano Albert Szent Gyorgi, detentor do prêmio Nobel para medicina e fisiologia de 1937, declara, como o fez em conferência em Nova York, em novembro de 1980, que “O trabalho dos cientistas de hoje em dia não é desvendar os segredos da natureza, mas conseguir que financiamentos lhe sejam concedidos (to get grants granted) talvez exagere mas não está longe dos fatos”. Temos aí apontado um problema da pesquisa, não só em Educação, mas em outras áreas, não só no Brasil, mas em outros países. Mais adiante, diz ainda Cavalcanti:

“Recursos são indispensáveis para o pesquisador concentrar-se num único emprego, comparecer a reuniões científicas, publicar seus trabalhos. Ao mesmo tempo, é preciso combater a necessidade de fazer o hoje tão indispensável “lobby” uma atividade que derruba tempo e desvirtua a função de quem é treinado para usar seu talento em tarefas mais nobres. A administração da ciência, por outro lado, não pode ser efetuada sob a ditadura de burocracias esterilizantes que com excessos de papéis, formulários e reuniões inúteis, submetem o pesquisador a um papel de escriba ou amanuense ineficaz”.

As palavras de Cavalcanti são suficientemente eloqüentes e bem conhecidos os problemas de financiamento, que abrangem desde a remuneração do pesquisador, as dificuldades de instalações e equipamento, até as mais básicas de papel para mimeógrafo e serviços de datilografia.

O problema de financiamento da pesquisa leva-nos a indagações ainda mais sérias e profundas, de volta ao primeiro ítem aqui discutido — os objetivos da educação. A decisão do que é prioritário em pesquisa na área de Educação é oriunda de uma postura filosófica quanto aos objetivos da Educação, e isto é certamente um tema que precisa ser ainda debatido.

9 O PROBLEMA DA DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS DE PESQUISA

Podemos dizer que já há alguns canais de divulgação, mas me parecem ainda insuficientes as publicações na área, quando se considera aquilo que é feito. Muitas vezes pesquisas são relatadas em relatórios para a agência financiadora e não têm divulgação. Para que a pesquisa possa ter impacto sobre educadores e administradores, vindo a afetar o sistema é preciso que ela seja conhecida, divulgada, o que me parece precisa ser mais incentivado.

Salientei diversos problemas, que na minha opinião entravam a produção, a qualidade e a utilidade da pesquisa em Educação no Brasil. Se meus comen-

tários pareceram um tanto pessimistas, isto se deve ao título do painel que me foi proposto: *Problemas* da pesquisa em Educação. Devo salientar porém, que nos últimos 14 anos, tenho tido a oportunidade de orientar teses, participar em bancas e tomar conhecimentos de trabalhos de colegas, seja em congressos, seminários, seja através de publicações, que bem demonstram o esforço e a qualidade do que se pode fazer em pesquisa na área de Educação no Brasil, apesar de todos os obstáculos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAVALCANTI, Clovis. Males da Ciência no Brasil. *Debate*, 3(2): 1-3, nov. 1981.
2. FISCHER, Rosa Maria. Seminário sobre Metodologias Alternativas para pesquisa-ação visando a criança desprivilegiada, *International Society for the Study of Behavioral Development e Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, S.P., 1981.
3. HOROWITZ, Frances D. Seminário sobre Metodologias Alternativas para pesquisa-ação visando a criança desprivilegiada. *International Society for the Study of Behavioral Development e Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, S.P., 1981.
4. SPINKS, Peter. Seminário sobre Metodologias Alternativas para pesquisa-ação visando a criança desprivilegiada. *International Society for the Study of Behavioral Development e Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, S.P. 1981.
5. VEIT, Laetus M. *Comunicação pessoal*. Porto Alegre, UFRGS, 1981.

ABSTRACT

This paper presents several problems with which research in education is faced in Brazil. Problems related to the confusion regarding the objectives of education; problems related to theoretical rivalries, methodological alternatives, and types of research; the scientific nature of education; the need for interdisciplinary work; problems related to the teaching-research relationship, to the financing of research, and to the dissemination of research results are discussed in some detail.

(Recebido para publicação em 19.03.82)